

Anderson Michel França

O *Mos Maiorum* nas obras *História de Roma* de Tito Lívio e no *Tratado da República* de Marco Túlio Cícero

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao curso de Ciências Sociais
da Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
Bacharel em Ciências Sociais.
Orientador: Prof. Dr. Tiago Bahia
Losso

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC

França, Anderson Michel

O Mos Maiorum nas obras História de Roma de Tito Lívio e no Tratado da República de Marco Túlio Cícero / Anderson Michel França ; orientador, Tiago Bahia Lesso , 2018.
47 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências Sociais, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

I. Ciências Sociais. II. Mos maiorum. III. Tradição Republicana. IV. Tito Lívio. V. Marco Túlio Cícero. I. Lesso , Tiago Bahia. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

O *Mos Maiorum* nas obras *História de Roma* de Tito Lívio e no *Tratado da República* de Marco Túlio Cícero

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgada adequada para obtenção do Título de Bacharel e aprovada em sua forma final pelo Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis,

Prof. Dr. Tiago Daher Padovezi Borges
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Tiago Bahia Losso
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Tiago Daher Padovezi Borges
Universidade Federal de Santa Catarina

Me. Arthur Mazzuco Fabro
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Prof. Tiago Bahia Losso, que contribuiu significativamente para o meu trajeto acadêmico, aos meus colegas e professores do Grupo de Estudos em Teoria Política Republicana (GETPR), vinculado ao Núcleo de Estudos do Pensamento Político (NEPP), do departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina, em especial ao Prof. Ricardo Silva, Prof. Marcos Valente, aos meus colegas Laís Eloá, Roger Laureano, Arthur Fabro, Isadora e Márlio Aguiar pelas inúmeras contribuições a cerca do meu trabalho de conclusão de curso, além de todos meus professores que guiaram meu ensino nesta instituição.

Agradeço a todos os servidores do Departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina em especial à Rosemary Fernandes e ao Rogério da Silva que tanto contribuíram para a resolução de procedimentos acadêmicos durante esse período.

Além disso, agradeço aos meus colegas e amigos do grupo Capoeira Angola Palmares, vinculado ao Projeto de Extensão Capoeira da Ilha, que muitas vezes me deram impulso para continuar e não desistir, em especial ao Mestre Polegar – Edson Sioff, à Prof. Danuza Meneghello, Prof. Fábio Machado Pinto, Marcão, Galego e Arthur.

Agradeço as meus amigos em especial as amigas Luísa Menin, Carla Mello, Ellen Berozoschi e Jana Gularte. que tanto contribuem par meu crescimento acadêmico, intelectual e pessoal

E por fim, agradeço a todos da minha família, minha irmã Josiane França, meu pai José Olivio, Adriana e Ana Lívía, e à minha querida mãe Ironi de Fátima, que é meu maior exemplo de *virtú*.

Ora, tal como a tocar lira e flauta, tal como no próprio canto e nas vozes se deve manter uma certa consonância entre os diferentes sons, que nenhum ouvido apurado consegue suportar se for monocórdica ou dissonante – mas essa consonância torna-se afinada e congruente através da moderação de vozes muito diferentes –, assim também, entrecruzando as ordens sociais mais altas com as mais baixas e as médias, como se fossem sons, numa mistura racional, uma cidade canta a uma só voz, com o consenso dos mais diferentes elementos.

Marco Túlio Cícero, Tratado da República

RESUMO

A intenção deste trabalho foi identificar uma possível relação entre a crise da república romana e o ideal moral e político do *mos maiorum*, que através das representações herdadas dos antepassados mantinham e sustentavam as estruturas de poder, autoridade e auto regulação na Roma arcaica e na republicana. Para tanto, foram brevemente analisados discursos dos personagens contidos nos três primeiros livros da obra *História de Roma*, de Tito Lívio, e na obra *Tratado da República*, de Marco Túlio Cícero. A pesquisa tomou forma a partir do *Republican Revival*, que é tido por teóricos como Skinner e Pettit como um marco relevante nos estudos de fontes romanas e para o desenvolvimento do pensamento político italiano-atlântico. Além disso, o ponto de partida metodológico de abordagem dos discursos dos personagens romanos se fundamentou através da teorização de Mark Bevir, no que tange a tradição.

Palavras-chave: *Mos maiorum*. Tradição Republicana. Tito Lívio. Marco Túlio Cícero. Crise da República Romana.

ABSTRACT

The intention of this research was to identify a possible relationship between the crisis of the Roman republic and the moral and political ideal of the *Mos Maiorum*, which through the inherited representations of the ancestors maintained and sustained the structures of power, authority and self-regulation in archaic and republican Rome. For that, I briefly analyzed speeches of the characters contained in the first three books of *History of Rome*, by Livy, and in the work *Treaty of the Republic*, by Cicero. The research took shape from the Republican Revival, which is considered by theorists as Skinner and Pettit as a relevant landmark in studies of Roman writings and development of atlantic-italian political thinking. In addition, the methodological starting point for approaching the Roman characters' discourses was based on the theorization on Mark Bevir of tadition.

Keywords: *Mos Maiorum*. Republican Tradition. Livy. Cicero. Crisis of the Roman Republic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. PENSAMENTO POLÍTICO E TEORIA POLÍTICA	15
1.1 Republican Revival – O retorno aos escritos relacionados a tradição do pensamento político republicano	15
1.2 História das ideias políticas - A questão da tradição	19
2. TITO LÍVIO E CÍCERO: FONTE ROMANA, HISTÓRIA E TRADIÇÃO	23
2.1 <i>Ab Urbe Condita: História de Roma</i> de Tito Lívio	23
2.2 <i>Tratado da República</i> : Marco Túlio Cícero	26
3. MOS MAIORUM	29
3.1 Respeito aos antepassados e o exemplo doméstico	29
3.2 A fundação de Roma: período monárquico	31
3.3 A dedicação á <i>res publica</i>	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	47

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

Marco Túlio Cícero:

Tratado da República

DRP

Políbio:

História

HIS

Tito Lívio

Desde a fundação da cidade

AUC

INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar teoria política se fundamentou através de minha participação no Núcleo de Estudos do Pensamento Político, vinculado ao departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina, o qual debateu alguns autores relevantes para o estudo sobre teoria política republicana.

Esse trabalho de conclusão de curso buscou identificar algumas representações de personagens nas obras *História de Roma* de Tito Lívio e em *Tratado da República* de Cícero, que operam a noção moral e política do *Mos Maiorum*.

Tomo como norteadores para o referencial teórico os autores Quentin Skinner, Mark Bevir, Philip Pettit Maria Helena da Rocha Pereira, Francisco de Oliveira e Dean Hammer. Esses autores são tidos como os principais expoentes para elucidar os principais ideais, morais e políticos, presentes na história romana.

As perguntas levantadas são: É possível entender Tito Lívio e Cícero sem considerar a noção do *Mos Maiorum*? Como o *Mos Maiorum* era expressado e vivenciado pelos romanos? Quais discursos operam com o sentido do *Mos Maiorum*? Qual é a articulação entre o simbólico e o político? Qual é a articulação entre o contexto intelectual e o contexto sociológico que se formulou a partir da *História de Roma* e do *Tratado da República*.

Este trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica de autores paradigmáticos da teoria política republicana e contemporâneos, em jornais da Cambridge University, disponibilizados na língua inglesa, o que demandou tempo e um maior cuidado em suas interpretações.

Três capítulos básicos organizam este TCC: o primeiro aborda o retorno aos escritos relacionados à teoria política republicana, tomando como base a noção de tradição de pesquisadores como Mark Bevir no campo da história das ideias políticas.

O segundo capítulo engloba aspectos das obras *História de Roma* de Tito Lívio e *Tratado da República* de Cícero, que fundamentam a análise dos discursos proferidos pelos personagens nas respectivas obras. Esses discursos evidenciam a influência da retórica nessas obras.

Os discursos geralmente serviam para explicar um “modelo de conduta moral”, criando personagens paradigmáticos que permeiam a tradição política romana. Como a maioria dos historiadores antigos, Lívio estava profundamente preocupado com a degeneração dos

costumes romanos e com a naturalidade da corrupção. Sua intenção era descrever a *História de Roma* e esperava oferecer exemplos aos romanos que queriam recuperar as antigas qualidades romanas. No prefácio de História de Roma, Lívio dirige ao leitor:

[...] observar como o paulatino enfraquecimento da disciplina acarretou, por assim dizer, o relaxamento dos costumes e como sua decadência cada vez mais acentuada levou-os à queda brusca de nossos dias, quando a corrupção tanto quanto seus remédios nos parecem insuportáveis. (AUC, Prefácio.1989:18).

No capítulo terceiro deste trabalho é abordado especificamente o ideal político e moral do *Mos Maiorum*, o qual segundo Pereira (2002) é a parte mais significativa do legado cultural romano, definindo os próprios padrões de comportamento pela adesão ou rejeição desses valores.

Esta pesquisa parte da análise dos discursos e eventos proferidos pelos romanos. Ela é fundamentada por representações dos personagens escolhidos nas obras *História de Roma* e *Tratado da República*, os quais trazem os discursos e os eventos da época. Para tanto, analiso aqui esses aspectos nos capítulos deste trabalho, são eles: exemplo doméstico de formação dos cidadãos romanos; a fundação e o período monárquico; e a dedicação a *res publica*. A intenção é validar a ideia de “que os romanos tinham como suporte fundamental e modelo do seu viver comum a tradição, no sentido de observância dos costumes dos antepassados, *Mos Maiorum*.” (PEREIRA, 2002:357). É importante salientar que esses fatos e eventos narrados estão totalmente ligados a lendas sobre reis, guerras, feitos religiosos, pragas, falta de alimentos e projetos da construção do estado romano.

1. PENSAMENTO POLÍTICO E TEORIA POLÍTICA

1.1 *Republican Revival* – O retorno aos escritos relacionados à tradição republicana

A partir do final década de 1970, a teoria política teve um retorno ao estudo sobre republicanismo devido à investida de historiadores da chamada Escola de Cambridge, tornando-se “um centro dominante para uma abordagem de orientação mais histórica ao estudo do pensamento moral e político” (SKINNER, 1999:85) nesse campo de estudos, tendo como expoentes os historiadores Quentin Skinner, Jonh Pocock e John Dunn. O *Republican Revival* demonstra um retorno aos escritos relacionados à tradição republicana do pensamento político, tornando relevante o estudo histórico das fontes romanas.

No capítulo III do livro *Liberdade antes do liberalismo* (1999) de Skinner, o autor aborda aspectos que foram relevantes para a intersecção do estudo da história do pensamento político e da teoria política, indicando os problemas enfrentados para a consolidação dessa abordagem de pesquisa.

Os autores da Escola de Cambridge eram acusados de desenvolver um “antiquarismo acadêmico” (GUNELL, 1982:327 apud SKINNER, 1999), ou seja, uma forma de abordagem dos textos clássicos como “o mais empoeirado interesse de antiquário” (TARLTON, 1973:314 apud SKINNER, 1999).

Quanto mais se argumentava que esses textos deveriam ser vistos como elementos num discurso político mais amplo, cujos conteúdos mudam com a mudança das circunstâncias, mais parecia que nossos estudos estavam sendo roubados do seu traço característico. (SKINNER, 1999:87).

Skinner defende que grande parte dos pesquisadores herda uma teoria e continuam aplicando, mas não compreendem realmente o que a ela representa. O autor argumenta que devemos alargar a conjuntura histórica sobre política:

Temos então de ser capazes de ver como os conceitos que ainda invocamos foram inicialmente definidos, a que propósitos eles deveriam servir, que concepção de poder público foram usados para sustentá-los. Isto por sua vez poderá nos capacitar a adquirir uma compreensão

autoconsciente de um conjunto de conceitos que empregamos atualmente de modo não autoconsciente e, até certo ponto, mesmo incompreensivelmente (SKINNER, 1999:89).

Além disso, o autor aponta que historiadores do pensamento político devem examinar e refletir sobre o registro histórico de forma a reavaliar as suposições e crenças estabelecidas. O *modus operandi* do historiador do pensamento político, portanto, “é agir como um arqueólogo, trazendo de volta para a superfície tesouros intelectuais enterrados” (SKINNER, 1999:90). Em referência ao método de pesquisa, ele defende que se “tentarmos cercar esses clássicos com o seu contexto ideológico adequado, poderemos ter condições de construir uma imagem mais realista de como o pensamento político, em todas as suas formas, efetivamente procedeu no passado.” (SKINNER, 1996:11). Dessa forma, podemos contribuir para o desenvolvimento de uma teoria política com características verdadeiramente históricas.

O método “proposto proporciona respostas, em termos genéricos, dos textos clássicos definindo o que os autores estavam fazendo quando os escreveram.” (SKINNER, 1996:12). Percebendo esses escritos como respostas a questões específicas em seu próprio período histórico, muitas vezes os argumentos apresentados endossam ou contestam ideias, formulações e convenções predominantes do debate político.

Quando tentamos situar desse modo um texto em seu contexto adequado, não nos limitamos a fornecer um “quadro” histórico para nossa interpretação: ingressamos já no próprio ato de interpretar. (SKINNER, 1996:12).

O contextualismo aqui abordado pretende identificar instituições, práticas e relações sociais da época, além contribuir para “algumas das conexões entre a teoria e a prática políticas” (SKINNER, 1996:13). Ademais o retorno aos escritos relacionados ao republicanismo por meio de Skinner e Pettit tomou forma a partir dos estudos sobre a noção de liberdade difundida primeiramente por Isaiah Berlin, o qual separava a noção de liberdade em dois conceitos básicos: a liberdade negativa e a positiva.

A liberdade negativa, conhecida no pensamento liberal como “não interferência”, pressupõe que o homem é “livre na medida em que nenhum homem ou grupo de homens interfere na minha atividade. A liberdade política nesse sentido é simplesmente a área na qual um

homem pode agir sem ser obstruídos por outros.” (BERLIN, 2002:229). A liberdade positiva defendida por Berlin se apresenta como autogoverno.

Desejo que minha vida e minhas decisões dependam de mim mesmo, e não de forças externas de qualquer tipo. Desejo ser o instrumento de meus próprios atos de vontade, e não dos de outros homens. Desejo ser um sujeito não um objeto, ser movido pela razão, por objetivos conscientes, que são meus, e não por causas que me afetam como que de fora. Desejo ser alguém não ninguém; um agente[...] (BERLIN, 2002:237)

Partindo disso, Skinner e Pettit propõem uma terceira noção de liberdade, fugindo da taxinomia de Berlin. Eles tomam como base a intersecção entre a teoria política e a história do pensamento político, convencionando a existência de uma tradição republicana que tem como eixo central o antipoder como liberdade. Nos termos de Pettit:

Segundo a concepção de liberdade como antipoder, sou livre na medida em que nenhum ser humano tenha poder para interferir em mim: na medida em que nenhuma outra pessoa seja o meu senhor, mesmo se me faltar a vontade e a sabedoria necessárias para alcançar o autogoverno. Tal definição é negativa visto que deixa minhas próprias realizações de lado e põe em foco a eliminação de algum perigo ocasionado por outrem. Mas essa definição é diferente da definição negativa de Berlin – se se preferir, ela se vincula à alternativa positiva – visto que se concentra no poder de interferência que outros poderiam exercer, não apenas na interferência real que perpetram. (PETTIT, 2010:13).

Na teoria política o ideal de liberdade tem um papel fundamental e constitui-se como ponto central do estudo sobre republicanismo. Esse republicanismo se refere a uma ampla e difundida tradição republicana, que teve origem na Roma antiga, reapareceu no Renascimento e influenciou pensadores como Maquiavel nos séculos XV e XVI.

E ainda assim será correto dizer que, por formação e convicção, Maquiavel era basicamente um

republicano, tendo sido, durante a restauração da República florentina, segundo secretário da Chancelaria, entre 1498 e 1512. Quando percebeu, em 1512, que não conseguia despertar a atenção dos Medici, prontamente se juntou ao círculo de teóricos e conspiradores republicanos que se reuniam no Hortos Oricellari, e ao que parece ali terá discutido os rascunhos de seus *Discursos sobre os primeiros dez livros de Tito Lívio*.(SKINNER, 1996:174).

A teoria política republicana aqui exposta tem como referência a tradição italiano-atlântico, que se concentra nos neorepublicanos Pettit, argumenta que o ideal de liberdade como não dominação, a constituição mista e a cidadania contestatória como pilares do pensamento político republicano.

The first idea is that the equal freedom of its citizens, in particular their freedom as nondomination – the freedom that goes with not having to live under the power of another – is the primary concern of the state or republic. The second is that if the republic is to secure the freedom of its citizens then it must satisfy a range of constitutional constraints associated broadly with the mixed constitution. And the third idea is that if the citizens are to keep the republic to its proper business then they had better have the collective and individual virtue to track and, if necessary, contest public policies and initiatives: The price of liberty is eternal vigilance. (PETTIT, 2013:171)

Em contraponto ao republicanismo italiano-atlântico, temos uma corrente intelectual franco-germânica que engloba autores como Hannah Arendt e Michel Sandel, os comunitaristas. O pesquisador Laureano (2017), com o respaldo teórico desses autores, explica que

O republicanismo franco-germânico também é herdeiro do conceito de liberdade como não-domação; ou seja, livre é quem não vive sob o jugo de outra pessoa, que não está submetido ao poder arbitrário de outrem. (LAUREANO, 2017:44).

É visível a influência de pensadores como Cícero e Lívio, tanto em nos pensadores contemporâneos como em pensadores renascentistas. A liberdade como não dominação, a constituição mista e a cidadania contestatória são expressas na tradição republicana. A noção de liberdade como não dominação pressupõe, basicamente, que o indivíduo não deve estar exposto a um poder de interferência arbitrária de outros.

Freedom as nondomination, the mixed constitution and the contestatory citizenry were all represented in Roman republican thought and practice, and they were articulated in different ways among the many writers who identified with Roman institutions (WIRSZUBSKI, 1968 apud PETTIT, 2013).

2.2 História das ideias políticas – A questão da Tradição

A teoria política informada historicamente, abordada nesta pesquisa, utiliza como recurso a noção de tradição, difundida por Mark Bevir em seus trabalhos no campo da história das ideias políticas. Essa abordagem teve como ponto de partida os estudos relacionados ao método proposto por Skinner e Pocock, embora seja necessário salientar que essa aproximação é relativa, tendo alguns pontos que são convergentes e outros divergentes sobre o contextualismo linguístico.¹

A noção de tradição difundida por Bevir, que é de suma importância para o entendimento dos escritos do passado, explicita que o significado histórico está totalmente ligado às crenças dos indivíduos.

Compreender a crença expressa por um indivíduo equivale a compreender a “intenção fraca” de tal indivíduo, o que, por sua vez, equivale a compreender o significado histórico ou hermenêutico do texto. Assim, todo historiador interessado em textos como registros de crenças expressas deve primeiramente situar a crença expressa por determinado indivíduo na rede de crenças (*web of beliefs*) desposada por tal indivíduo. (SILVA, 2009:314).

Segundo Bevir, a tradição contribui para o desenvolvimento da história das ideias políticas e procura ampliar os significados e as interpretações de crenças, conceitos e ações linguísticas. Abordadas tanto

¹Mais informações sobre o debate a respeito do contextualismo linguístico, consultar: SILVA, Ricardo. História intelectual e teoria política. 2009.

no contexto sociológico como no intelectual, essas fontes tomam forma, não como doutrina, mas como um conjunto de ideias que pretende elucidar e justificar os significados e símbolos dos próprios personagens, formando assim uma ideologia.

Mark Bevir inicia seu artigo *On Tradition* com uma crítica aos conservadores que defendem a noção da tradição como maneira de expressar uma continuidade do passado, uma forma textualista de abordagem. Ele argumenta que historiadores devem abordar as obras do passado a partir de dois conjuntos de conceitos. O primeiro conjunto inclui conceitos como tradição, estrutura e paradigma, que se relaciona com a tentativa de explorar o contexto social dos indivíduos. O segundo traz conceitos como anomalia, razão e agência, os quais incorporam tentativas de especificar o papel do indivíduo no processo no qual as crenças e as práticas humanas vão se modificando com o passar dos tempos. Esses “dois conjuntos de conceitos são fundamentais para o estudo da tradição, pois diz respeito ao indivíduo e sua herança social” (BEVIR, 2000:29).

Na teoria de Bevir, o conceito de tradição substitui os conceitos de “estrutura”, “paradigma” ou “episteme”, presentes em outras abordagens. O autor argumenta que sua preferência pelo conceito de tradição decorre do fato de que os conceitos alternativos acabam sempre por dar excessiva ênfase aos fatores que “determinam” ou “limitam” a agência individual. A tradição, por outro lado, conforme concebida por Bevir, consiste sobretudo em um recurso analítico, uma espécie de “ponto de partida” para a análise das crenças expressas por indivíduos. (SILVA, 2000:315) .

Bevir defende sua preferência pelo conceito de tradição, com o argumento de esse abrange uma herança social que chega a cada indivíduo através de sua agência. A tradição, para o autor, cria espaços, figuras sociais e símbolos que se relacionam socialmente e não são desvinculados de sua realidade, o que concebe uma complexa rede de crenças e significados.

It is the human capacity for agency that, I believe, makes tradition a more satisfactory concept than rivals such as structure, paradigm, or episteme. All of these latter concepts suggest the presence of a social force that determines, or at least sets limits to, the performances of individuals. The concept of tradition, in contrast, suggests that a social inheritance comes to each individual who,

through his or her agency, then can modify and transform this inheritance even as he or she passes it on to yet others. Although tradition thus seems to me to be preferable as a concept to others such as structure, we should not fetishize a particular word. (BEVIR, 2000:35).

O teórico argumenta que as pessoas chegam a suas crenças e práticas por meio de uma tradição herdada, a qual pode ser entendida como um conjunto de compreensões adquiridas e amplamente compartilhada pelos indivíduos durante o processo de socialização. Os indivíduos adquirem suas práticas e crenças ouvindo outras pessoas, como seus pais, educadores, escritores e seus respectivos pares.

[...] the beliefs and practices that make up a tradition must have passed from generation to generation: they must embody a series of temporal relationships such that they provided the starting point for each of their later exemplars. Traditions must be composed of beliefs and practices that were relayed from teacher to pupil to pupils' pupil and so on. (BEVIR, 2000:40).

O conceito de tradição abordado nesta pesquisa deve ser interpretado como um conjunto de fatos e acontecimentos que exerceram uma influência formativa em determinado período histórico. Esse conceito não deve ser tido como uma série de casos semelhantes que acontecem em determinado tempo ou encarado como se fosse um conjunto de ações que seus antecessores tentaram construir para explicar suas experiências. A tradição engloba um fator explicativo que ilustra o processo no qual os indivíduos herdam suas crenças e práticas sociais através dos seus antepassados e também as modificam.

Traditions are not hypostatized entities which appear in various guises at different times. They are, rather, contingent and evolving entities that operate through teachers as influences on pupils, where the pupils then can extend and modify them in unlimited ways. The role of traditions, therefore, must be to explain why people set out with the beliefs and practices they did, not to explain why they went on to change these initial beliefs and practices in the ways they did. (BEVIR, 2000:51).

Nas últimas décadas ocorreu um redescobrimto da tradição republicana mediante pesquisas de autores como Quentin Skinner, Phillip Pettit e Mark Bevir. Essa retomada dos debates e discussões envolvem questões como espaços públicos, virtudes cívicas, valores e, principalmente, a questão da liberdade. Como já mencionado, a liberdade é tida como o eixo central da interpretação da história política desde a antiguidade clássica. Na teoria política contemporânea os teóricos neorrepblicanos criticam o pensamento liberal e defendem o conceito de liberdade através da contra dominação.

A partir do exposto, minha monografia pretende estudar duas obras fundamentais da tradição republicana: *História de Roma*, de Tito Lívio, e *Tratado da República*, de Marco Túlio Cícero, escritos paradigmáticos nas pesquisas relacionadas ao republicanismo. Com base no contextualismo da Escola de Cambridge, busco estabelecer as relações necessárias para o entendimento da noção do *Mos Maiorum* como fundamental para a tradição republicana. Esse contextualismo não será construído como no detalhamento exposto por Skinner, por exemplo, no seu estudo sobre o Estado Moderno, mas de forma mais simplista.

Tenho como propósito, em primeiro lugar, entender o contexto sociológico da tradição republicana, tomando como ponto de partida a “Crise da República Romana”. Pesquisando as tradições herdadas do passado, busco identificar as representações, os fatos e as lendas (através dos discursos dos personagens aqui selecionados) que confirmem que o passado era um repositório de valores que já não existiam mais no período em que os autores davam luz aos seus escritos. Em segundo lugar, investigo o contexto intelectual no qual a “Decadência de Roma” estava inserida, buscando nos escritos de Lívio e Cícero a compreensão da noção moral e política do *Mos Maiorum*.

2. TITO LÍVIO E CÍCERO: FONTE ROMANA, HISTÓRIA E TRADIÇÃO

2.1 *Ab Urbe Condita: História de Roma* de Tito Lívio

Sobre a obra de Lívio acredita-se ter chamado a *História de Roma* simplesmente de *Ab Urbe Condita*, “Desde a fundação da Cidade”. A *História de Roma*, detalhadamente descrita pelo historiador romano, é composta por 142 livros, porém, temos disponíveis 35 livros, sendo que integralmente temos do livro 1 ao 10. Os livros de número 11 ao 21 estão perdidos e os livros 21 ao 45 restam apenas fragmentos. A obra conta com os *Periochae*, que são os resumos dos livros – as mais valiosas fontes dessa obra para fornecer indicações das lacunas no texto de Tito Lívio.

Tito Lívio escreveu sua obra entre o período de 27 a.C. a 9 d.C. Essa datação toma como base a data em que Otaviano recebe do Senado o título de Augusto, e que ocorre o fechamento das Portas do Templo de Jano², uma das mais antigas divindades de Roma, que simboliza a paz e a guerra.

Tito Lívio nasceu em Pádua na data de 59 a.C. e faleceu em 17 d.C. Sobre seus pais pouco se sabe. Acredita-se que Lívio tinha formação erudita, pois estudou grego, latim, literatura e a retórica, que constituíam um padrão aristocrático da época. Posteriormente, foi capaz de dedicar-se ao trabalho não compensatório de escrever. Tito Lívio era por nascimento um aristocrata deixando transparecer sua simpatia com o partido senatorial.

A data de 49 a.C., quando Lívio tinha dez anos, sua cidade de nascimento tornou-se um município romano, era um grande centro de comércio, especialmente em lã, e sob o domínio foi talvez a cidade mais rica da Itália, ao lado de Roma. A cidade natal de Lívio apresentou um contraste impressionante á Roma, uma vez que os cidadãos de Pádua mantiveram a moral e as maneiras dos antepassados. Não temos a informação de com quantos anos Lívio deixou Pádua e foi morar em Roma, porém fica claro que é fortemente influenciado pelas tradições do passado de sua cidade natal.

Da vida social de Lívio sabe-se que estabeleceu uma relação amigável e de confiança com o Imperador Augusto. Ele sem dúvida,

² O templo de Jano foi construído no reinado de Numa Pompílio, com símbolo da paz e da guerra. Sendo suas portas fechadas até a data de 28 a.C somente 2 vezes. AUC 1.19.

continuou a residir em Roma, com ocasionais visitas a Pádua e outros locais da Itália. Sabemos que ele gostava da amizade de Augusto e provavelmente a intimidade foi mantida até o fim da vida do imperador.

Of Livy's social life in Rome we know nothing more than that he enjoyed the friendship of Augustus, and probably, as we have seen, from an early date in his stay in Rome. The intimacy was apparently maintained till the end of the Emperor's life, for it cannot have been much before A.D. 14 that Livy.(FOSTER in LIVY, 1919:13).

No entanto, é claro que Lívio era deficiente em alguns pontos essenciais para a produção de tal história, não possuía conhecimento prático de questões constitucionais da arte da guerra, mas essa falta de conhecimento técnico não foi a única desvantagem que Tito Lívio foi obrigado a transportar, sua mente era fundamentalmente acrítica, e ele foi incapaz de submeter sua autoridade a tal exame moral ou tomar outros rumos para sua obra. É evidente que o leitor de política deve usar Lívio com precaução, especialmente naquelas partes de seu trabalho em que suas declarações não podem ser comparadas. No entanto não podemos subestimar a importância da obra de Tito Lívio.

In the first place, uncritical though he is, we have no one to put in his place, and his pages are our best authority for long stretches of Roman history. In the second place he possesses a very positive excellence to add to this accidental one, in the fidelity and spirit with which he depicts for us the Roman's own idea of Rome (FOSTER in LIVY, 1919: 31).

Lívio exalta a glória e a honra na história da república romana, ainda assim ele podia deixar de concordar com a ordem política, as reformas morais e religiosas de Augusto. Em seus escritos nota-se o desejo de reviver as tradições dos antepassados, seu respeito pelas formas herdadas de um tempo em que Roma foi realmente governado pela moral e os bons costumes. A obra de Tito Lívio exalta a virtude dos homens e o patriotismo, exibindo uma Roma ideal como nenhuma outra obra fonte filosófica e política.

No prefácio da *História de Roma* fica claro que os discursos ilustram testemunhos da história, não pretendendo “afirmá-las nem contestá-las” (AUC, 1989:18), mas utilizá-las como norteadores da vida

e dos costumes do povo romano. Seus escritos eram continuamente moldados pelas próprias experiências dos romanos, pela onipresença da guerra e da paz, e pela perda das tradições que orientava o povo para suas responsabilidades sociais, políticas e morais no período que a obra estava sendo escrita.

For Livy, political concepts are not comprehensible as theories any more than politics world by a range of affective associations that are forged in history, transmitted as cultural memories, and enacted as human practices. (HAMMER, 2014:231)

Fatos adquiriam relevância, objetividade e eram compartilhados por todos os romanos. Segundo Pereira, escavações arqueológicas, efetuadas na segunda metade do séc. XX, na colina do Palatino, local da fundação da cidade, encontrou moedas em prata que já representavam graficamente a “Loba Capitolina”³ no ano 269 a. C. Isso exemplifica que os romanos associavam acontecimentos, lendas, fatos heroicos, como paradigmáticos sendo considerados “sob vários ângulos: histórico, etnográfico, religioso, axiológico”.(PEREIRA, 2002:27).

Na obra de Lívio encontramos uma satisfatória concepção da história de Roma, tornando mais viva e evidente as lembranças dos dias bravos da cidade. Refere-se aos contos maravilhosos que foram associados com a fundação da cidade e a forma como o seu poder foi fundado sobre a moralidade e disciplina e a manutenção destes, e agora estava caído sobre maus dias através sua decadência.

But the really important thing in Rome's history is the way her power was founded on morality and discipline, waxed mighty with the maintenance of these, and was now fallen upon evil days through their decay. For the use of historical study lies in its application to life. The story of a great people is fraught with examples and warnings, both for the individual and for the state. And no nation is better worth studying than Rome, for in none did righteousness and primitive simplicity so long resist the encroachments of wealth and luxury. (FOSTER in LIVY, 1919:21).

³ Ver em: Maria Helena da Rocha Pereira. Cap. As origens de Roma. 2002:19.

Os personagens e a *Urbe* são idealizados, sem dúvida, pela imaginação patriótica deste escritor extraordinário, mas os ideais de um povo certamente também são parte significativa da sua história.

2.2 *Tratado da República*: Marco Túlio Cícero.

Marco Túlio Cícero, foi um grande orador, político e historiador romano “tratadista de filosofia” (PEREIRA, 2002:126), possuía uma formação filosófica extremamente variada, sua “fundamentação ideológica de fontes acadêmicas, aristotélicas, estoicas, ecléticas, pitagóricas justificam a sua riqueza e até sua originalidade” (OLIVEIRA.2002:30), Cícero estudou e foi discípulo de grandes mestres⁴, inclusive gregos. Ainda assim, “Cícero não se limita a ser o grande transmissor do saber grego: completa-o com a experiência romana e torna-o atraente com seu modo de expressão a um tempo dútil e vigoroso” (NICOLET apud PEREIRA, 2002:136).

O *Tratado da República*, foi escrito “entre os anos de 54-51 a.C., e publicado em 51 a.C.” (OLIVEIRA, 2008:16), período em que Cícero esteve relativamente afastado da vida política ativa. É importantíssimo lembrar que só retemos cerca de ¼ do tratado original a maior parte desse texto foi descoberto em 1819⁵ na Biblioteca Vaticana. O texto certamente era conhecido e lido até o século VII, pois foi comentado tanto por Santo Agostinho quanto por Santo Isidoro de Sevilha; mas, provavelmente se perdeu até a Modernidade.

Na sua obra [*De Re Pvblica*] *Tratado da República*, Cícero escreve um grande diálogo dividido em seis livros. Que influencia o “pensamento e a prática política romana” (PEREIRA, 2002:152). O tratado proposto por Cícero parte do modelo grego conhecido na obra *A República* de Platão, porém se “adapta a discussão à realidade política latina” (PEREIRA, 2002:152).

Mas, contrariamente a Platão, Cícero não procurou fazer pura utopia; em vez de recorrer ao mito de Er para descrever experiências *post mortem*, preferiu usar um artifício mais realista e de recorte literário, o sonho; e, diferentemente de Aristóteles ou Dicearco, não apresentou um catálogo de constituições de várias cidades, preferiu, como Políbio, uma relação baseada numa

⁴ Influência de autores gregos e romanos sobre a obra de Cícero ver em: PEREIRA.2002:19/128 e em: OLIVEIRA. 2008:30.

⁵ Mais informações a respeito da obra ver em: OLIVEIRA.2008:16-39)

experiência histórica multissecular que está presente em todo o tratado [...] (OLIVEIRA, 2008:17)

O *Tratado da República* de Cícero é construído a partir do diálogo de oito⁶ personagens históricos: ainda que o encontro nunca tenha acontecido, Cícero tenta introduzir uma reflexão filosófica para o mundo romano.

Considerando este conjunto de personalidades na sua globalidade, o primeiro aspecto a salientar é que, tal como na República de Platão, há mais do que uma geração ou, pelo menos, vários níveis etários entre os participantes no debate. Significa tal facto que se está perante um acto de transmissão de conhecimento entre gerações, o que é congruente com a tradição pedagógica romana e perfeitamente compatível com a ideologia do mos maiorum, que se traduz na necessidade de guardar a memória dos costumes ancestrais. (OLIVEIRA, 2010:219).

A data dramática de seu diálogo é o ano de 129 a.C., durante as férias latinas, na residência e personagem central Cipião Emiliano⁷, é a época das conquistas externas e consolidação de Roma, com a derrota de Cartago no norte da África, a tomada de Corinto na Grécia e a Numância na Hispânia.

A data dramática, 129 a.C, evoca o surgimento de famílias e de políticos relacionados com grandes conquistas e vitórias sobre inimigos externos. No plano interno, trata-se de uma época perturbada por tendências para o poder pessoal e para a acção política à margem das práticas habituais. (OLIVEIRA, 2010:217).

Esse encontro se centrava na atuação da família dos Cipiões, que incluía a figura central do diálogo, Cipião Emiliano “é esse grupo, de influência sem dúvida decisiva no provir da cultura romana, que é de

⁶ Públio Cornélio Cipião Africano Emiliano, Quinto Élio Tuberão, Lucio Fúrio Filo, Públio Rutilio Rufo, Gaio Lélío, Quinto Mucio Cévola Áugure, Lucio Mumio Acaico e Mânio Manfílio. Ver mais detalhes sobre cada personagem em: OLIVEIRA, Francisco. Introdução. In: CÍCERO, 2008, p. 21-26.

⁷Descrição completa dos personagens ver em: OLIVEIRA, Francisco. Introdução. In: CÍCERO, 2008. p. 22.

costume chamar de “Círculo dos Cipiões” (PEREIRA, 2002:61). Além disso, entendia que esse grupo com gostos e interesses afins unia a tradição romana ao helenismo. Segundo Maria Helena da Rocha Pereira, em suas pesquisas voltadas para área da arqueologia, identificou vasos gregos, ou pedaços cerâmicos, em Roma provindo de cidades gregas que datam do sec. VIII a.C (PEREIRA, 2002:46). Ademais Pereira (2002) identifica a importância da adaptação do alfabeto grego, seguindo o modelo da ilha Eubeia, “lugar de origem dos primeiros helenos que se fixaram permanentemente na Itália”(PEREIRA, 2002:48). Identifica a influência helênica na cultura romana através de uma dedicatória em grego no monumento conhecido como os Trezes Altares, datados do séc. VI a.C (PERREIRA, 2002:46), período arcaico.

A influência grega na formação da cultura romana se verifica com muita clareza no campo religioso, onde existe a adoção de divindades e organizações sacerdotais estritamente romanas, mas “desde cedo os deuses itálicos se identificam, na maioria, aos gregos”(PEREIRA, 2002:43). Outro ponto que julgo pertinente salientar é influência grega sobre os escritos de Cícero e Tito Lívio, porém é necessário esclarecer que por mais que os grandes tratadistas foram gregos, “Cícero terá procurado oferecer uma imagem de paridade de modelos na literatura latina, numa típica manifestação de nacionalismo”(OLIVEIRA, 2008:30). Torna-se evidente a helenização da cultura romana, porém além de fenômeno de imitação, mas sim como um processo de “assimilação criadora” (PEREIRA, 2002:47).

Segundo Oliveira, Cícero se volta para um passado⁸ diferente de seu presente que conta com a ascensão de poderes imensos de origem pessoal à margem da legalidade, o uso de violência política, proscrições, guerra civil, a partilha de poder por triunviratos, a perversão da constituição romana e a perda dos costumes e da moral.

⁸ Ver em: OLIVEIRA, Francisco. Introdução. In: CÍCERO, 2008. p. 26-29.

3. *MOS MAIORUM*

2.1 Respeito aos antepassados e o exemplo doméstico

Tanto Cícero com Lívio desenvolvem suas respectivas narrativas através da representação dos cidadãos e homens públicos com a finalidade de ressaltar as virtudes dos romanos. Seus personagens buscam um retorno aos antigos e aos bons costumes, o *Mos Maiorum*, utilizado com crítica do presente e valorização do passado como repositório da tradição que orientavam os cidadãos para as responsabilidades sociais e políticas.

Os romanos tinham como suporte fundamental e modelo do seu viver comum a tradição, no sentido de observância dos costumes dos antepassados, *Mos Maiorum*. (PEREIRA, 2002:357)

Seus escritos mostram uma variedade de influências de uma tradição que narrou nomes e eventos através da criação de encontros entre personagens dramáticos, exaltando discursos e inferindo emoções através de memórias que foram herdadas dos antepassados.

Their writings about politics were continually, almost relentlessly, shaped by their own experiences, the ubiquity of violence, the enormity and frailty of power, and an overwhelming sense of loss of the traditions that oriented them to their responsibilities as social, political, and moral beings. (HAMMER, 2014:3).

Segundo Hammer, o *Mos Maiorum* orientava os cidadãos romanos através do [*exempla*] exemplo, histórias e ações, que foram reforçadas por lembretes visuais como máscaras dos antepassados, bustos, monumentos, cerimônias públicas e celebrações, tais como procissões, funerais e triunfos, representavam aos seus contemporâneos a forma de ser e de agir com virtude, delimitando assim a fundação, os limites e responsabilidades do poder da autoridade. (HAMMER, 2014:16-17).

The image captures something elemental about the operation of the *mos maiorum*: The internalization of these norms relied on the gaze of real and imagined others. Those norms, in turn, manifested themselves in the *decorum* of the speaking and action subject: not only in one's

dress, mannerisms, words, and action, but also in the *dignitas* (or standing) of one's family, around which a reputation was built. Through emulation of the habits and virtues of one's ancestors, one carried forward the image of one's family and of what it meant to be Roman. (HAMMER, 2014:16).

Tito Lívio utiliza a *História de Roma* como forma de transmissão das noções morais e políticas através de um discurso coerente que exalta os momentos de grandeza do povo e da *Urbe* romana.

Livy's "analytical categories are insophisticated," his "literary intentions" of creating a coherent narrative take priority, and he takes for granted, rather than explains, Roman political and social institutions. But in searching for analytic categories in Livy's political thought, we look for the wrong thing. (HAMMER, 2014:231).

O discurso proferido por Manílio no *Tratado da República* exemplificam a forma com o *Mos Maiorum* era expressado, onde os romanos utilizavam os exemplos domésticos como norteadores das práticas humanas na república romana.

Deuses imortais! Quão grande e quão arreigado está esse erro entre os homens! Por outro lado, sinto-me aliviado por não termos sido educados com artes ultramarinas ou importadas, mas com virtudes genuínas e domésticas. (DRP, 2.29).

No ambiente doméstico, os modos de convivência e as relações de poder dentro do casamento e da família eram a base das regras de civilidade e o modelo do exercício do poder político. A importância política do casamento, da procriação e da educação dos filhos é de suma importância na formação romana.

Lívio quando refere-se á representação do Rapto das Sabidas, fato que ocorreu á mais de 500 anos atrás de sua época, evidencia o *Mos Maiorum*, pois essa lenda é vista como uma decisão da *Urbe*, tão importante que foi previamente articulado para a realização posterior uma cerimônia cívica e culminou em casamentos, formatando práticas que se consagrariam como modelo para a posteridade. No discurso de Lívio no livro VI do *Tratado da República*, fica claro que as práticas do matrimônio estavam ligadas ao *Mos Maiorum*, como observa-se nesse

trecho “De facto, os antepassados determinaram que os matrimônios fossem solidamente estabelecidos” (DRP, 6.2).

O *Mos Maiorum* engloba o respeito aos antepassados e o exemplo doméstico como norteador dos costumes e da tradição, buscando exemplificar um modelo ideal que Roma já presenciou no passado, o qual a educação dos romanos deve estar fundamentada na glória “e, por conseguinte, conforme narra, os seus antepassados tinham realizado muitas coisas admiráveis e notáveis por ambição de glória” (DRP, 5.9).

Então, pela virtude, pelo trabalho, pela diligência em relação ao carácter deste excelso varão se investigaria se porventura uma natureza demasiado feroz, ardorosamente, não sei como, o não. Essa virtude chama-se fortaleza; nela estão englobados a grandeza da alma e um especial desprezo pela dor e pela morte. (DRP, 5.9).

3.1 O *Mos Maiorum* e o período monárquico.

A monarquia romana foi a primeira forma política de governo da cidade de Roma, desde o lendário momento de sua fundação em 753 a. C., até o fim da monarquia em 509 a. C., quando o último rei, Tarquínio, foi expulso, instalando-se assim a República Romana. Nesse período fica claro que Lívio e Cícero exaltam o *Mos Maiorum*, mesmo em um período em que Roma estava sendo governada por reis. Em muitos trechos é exaltado as virtudes dos reis, desde a fundação da cidade. A mitologia romana liga a origem de Roma e a instituição monárquica ao herói troiano Enéias, que fugindo da destruição de sua cidade navegou em direção ao Mediterrâneo ocidental até chegar á Itália onde fundou a cidade de Lavínio, e mais tarde seu filho Ascânio encontrou Alba Longa, cuja família real descenderia os gêmeos Rômulo e Remo, os fundadores de Roma.

Como Lavínio estivesse superpovoada, florescente e rica, Ascânio deixou-a para a mãe ou madrasta e fundou uma nova cidade ao pé do monte Albano, cuja situação, por estender-se pelas encostas do monte, lhe valeu o nome de Alba Longa. (AUC, 1.3).

A fundação de Roma toma como data inicial em 753 a.C, os romano foram governados por sete reis até a data de 509 a.C, sendo eles: o lendário fundador da cidade Rômulo (753-716 a.C), governou por 37

anos, organizou Roma entre patrícios, plebeus e clientes, criou o senado com cem Senadores, adotou símbolos como cadeira curul, toga pretexta, era acompanhado por 12 lictores, ademais “Rômulo reuniu em assembleia aquele povo que só poderia vir a ser uma nação por liames jurídicos, e lhe deu leis. (AUC, 1.8).

Rômulo não era apenas o primeiro rei romano, mas também seu fundador, junto com seu irmão gêmeo Remo. No ano 753 a. C., ambos começaram a construir a cidade ao lado de Monte Palatino, de acordo com a lenda, Rômulo matou Remo. A origem da cidade de Roma pode ser localizada especialmente perto do Monte Palatino, ao lado do rio Tibre, este ponto estratégico apresentou uma posição fácil para defender a cidade. Após a fundação da cidade, Rômulo convidou criminosos, recebeu escravos e exilados para lhes dar asilo na nova cidade “reuniu em torno de si grande número de gente obscura e de baixa condição” (AUC, 1.8). Convidou os Sabinos para um festival, onde sequestrou a mulheres Sabinas, fato conhecido com o “Rapto das Sabinas” (AUC, 1.9).

Mas, acima de tudo, a lição da lenda é a de apaziguamento de contrários por meio da fusão de dois povos que encontram, nos laços familiares que contraem, o caminho para a coexistência pacífica. (PEREIRA, 2002:29).

Depois da guerra que se seguiu entre os Sabinos e os Romanos houve através da intervenção das mulheres Sabinas a “aliança entre Rômulo e Tácio” (AUC, 1.13).

Mas depois do desaparecimento de Tácio recaiu sobre ele (*sc.* Rômulo) todo o domínio. E embora, juntamente com Tácio, tivesse escolhido cidadãos de primeira para o conselho régio – os quais, pela sua afeição, foram chamados de *patres* “pais, senadores” – e tivesse dividido o povo em três tribos, a que deu seu nome, o de Tácio e o de Lucumão, que morrera na luta contra os Sabinos como aliado de Rômulo, e em trinta cúrias – cúrias que designou pelo nome das virgens Sabinas que posteriormente haviam sido as suplicantes da paz e da aliança -, embora estas decisões tivessem sido tomadas em vida de Tácio, contudo, depois da morte deste, Rômulo reinou ainda com muito mais apoio do conselho e da autoridade dos *patres* “pais senadores”. (DRP, 2.14).

Após 37 anos de reinado, Rômulo travou numerosas guerras, estendendo a influência de Roma em todo o Lácio e outras áreas circundantes. Logo ele seria lembrado como o primeiro grande conquistador, bem como um dos homens mais devotados, da *História de Roma* tornando-se um exemplo do *Mos Maiorum* para seus descendentes.

No *Tratado da República* de Cícero quando os personagens estão dialogando sobre a melhor forma de governo, Cipião faz uma referência ao *Mos Maiorum*, expõe que mesmo quando Roma era governada por reis, a quatrocentos anos atrás do diálogo a Urbe teve um rei injusto, Tarquínio O Soberbo, mas á seiscentos anos antes, Roma foi governada por Rômulo, um rei definido por Lélcio como "Extremamente justo, tal como daí para trás, até Rômulo, que foi rei cerca de seiscentos anos antes da nossa época!" (DRP, 1.58).

Após a morte de Rômulo, o reinado da cidade ficou sobre o poder de Numa Pompilio (716-673 a.C) reformou o calendário romano, ajustando-o para o ano solar e lunar (AUC, 1.19), acrescentando também os meses de janeiro e fevereiro até completar os doze meses do novo calendário. Instituiu numerosos rituais religiosos romanos, foi lembrada como o mais religioso de todos os reis, mesmo acima de Rômulo. Nesse contexto Cícero no livro II do *Tratado da República* através do discurso de Cipião exalta o *Mos Maiorum*, através do modelo de virtude desse rei. O qual mesmo sendo um Sabino, um rei estrangeiro de outra linhagem, foi apoiado pelos “*patres*” senadores para governar Roma. No diálogo entre e Cipião e Manilio fica a pergunta se Numa Pompilio foi educado por Pitágoras, mas Cipião esclarece que “Pitágoras tocou pela primeira vez a Itália cerca de cento e quarenta anos depois da morte de Numa.”(DRP, 2.29). Porém Cipião exalta o *Mos Maiorum* como referência de conduta dos cidadãos romanos e a melhor condição da *Urbe*.

Concluirás ainda que se deve louvar a sabedoria dos nossos antepassados exactamente pela facto de, como irás compreender, muitas das coisas de outros recebidas, entre nós se tornarem melhores do que tinham sido no sítio donde haviam para aqui sido trazidas e onde primeiramente haviam surgido. E compreenderás que não foi fortuitamente que o povo Romano se afirmou, mas pelo discernimento e pela disciplina, apesar de a fortuna lhe não ser adversa. (DRP, 2.30).

O terceiro rei de Roma foi Tulio Hostílio (672-579 a.C) fomentou várias guerras contra Alba Longa, Fidenas e Veios, desse modo que Roma obteve assim novos territórios e maior poder. Foi durante o reinado de Tulio quando Alba Longa foi completamente destruída.

Após a morte de Tulio Hostílio Roma foi governada por Anco Marcio (616-549 a.C.), personagem moderado e religioso, neto de Numa Pompílio, como seu avô estendeu os limites de Roma, lutando em defesa dos territórios romanos quando era necessário. Tanto Lívio como Cícero enaltecem o *Mos Maiorum* como um modelo a ser seguido, o qual as virtudes reais, o respeito as leis e ao povo deviam ser respeitadas.

[...] lembrou-se das glórias de seu avô e do reinado precedente, notável em todos os aspectos mas insatisfatório em um único ponto – a indiferença religiosa e a negligência aos cultos – e considerou com seu principal dever restabelecer as cerimônias públicas de acordo com as instruções de Numa. (AUC, 1.32).

Tarquínio Prisco (616-549 a.C) foi o quinto rei de Roma, e o primeiro de origem etrusca, uma das primeiras reformas foi expandir o número das centúrias de cavaleiros (AUC, 1.36). Outra inovação do rei foi a criação dos Jogos Romanos. O mais famoso de seus projetos de construção foi o “Circus Maximus” (AUC, 1.35), local onde assistia apresentações de corridas de cavalos e pugilistas

Após a morte de Prisco Roma foi governada por Sérvio Tulio (578-535 a.C), fez mudanças na organização do exército romano, instituiu o primeiro censo da história “dividiu a população em classes e centúrias, e baseado no censo criou essa organização admirável do ponto de vista civil e militar” (AUC, 1.42). Seu reinado também se destacou pela construção do templo de Diana no monte Aventino. Em relação direta ao *Mos Maiorum* o interlocutor de Cícero no *Tratado da República*, livro II, chamado Lélío elogia a formação de romana e sua relação com seus antepassados.

Torna-se agora mais claro aquele dito de Catão: que a constituição do <nosso> estado não foi obra de um só tempo ou de um só homem. É, de facto, evidente quão grande se torna o acréscimo de coisas boas e úteis, por cada rei. (DRP, 2.23).

O longo reinado de 44 anos de Sérvio Tulio terminou com seu assassinato em uma conspiração articulada por sua própria filha Túlia e seu marido Tarquínio, seu sucessor no trono. Tarquínio Soberbo (534-

509 a.C), o sétimo e último rei de Roma usou violência e a tirania para manter o seu controle sobre Roma, revogando muitas reformas e direitos constitucionais que seus antecessores estabeleceram, governou sem o consentimento do senado ou do povo. O ponto crucial para o final do seu reinado tirânico aconteceu quando ocorreu a “desonra e morte de Lucrecia” (AUC, 1.58).

Lucrecia estava sentada em seu quarto e mostrava-se acabrunhada. À chegada do pai e do marido desfez-se em lágrimas. Quando este lhe perguntou “com vais?”, ela respondeu: “Mal. Como pode ir bem uma mulher que perdeu a honra? Vestígios de outro homem, Colatino, acham-se em teu leito. Aliás só meu corpo foi violado, minha alma permaneceu pura. [...] Lucrecia então disse: “vós cobrarei o que aquele homem deve. Mesmo isenta de culpa, não me sinto livre do castigo. Nenhuma mulher há de censurar Lúcrecia por ter sobrevivido a sua desonra”. Ao pronunciar essas palavras, cravou no peito um punhal que havia escondido em suas vestes e tombou agonizante em meio aos gritos do marido e do pai. (AUC, 1.58)

Lucio Júnio Bruto chamou o Senado, que decidiram a expulsão de Tarquínio, após a expulsão o Senado decidiu abolir a monarquia, transformando Roma em República no ano 509 a. C. Lucio Júnio Bruto e Lucio Tarquínio Colatino se tornaram os primeiros “cônsules” (AUC, 1.60) do novo governo de Roma.

3.3 *Mos Maiorum* e a dedicação á *res publica*

Cicero no *Tratado da República*, através de seu principal interlocutor Cipião, é exposto a definição do conceito de *res publica*, como lhe foi solicitado para depois discutir o conceito em si, prática comum entre os acadêmicos. Então a sua definição da palavra *res publica*:

Portanto, *res publica* “Coisa Pública” é *res populi* “Coisa do Povo”. E povo não é qualquer ajuntamento de homens congregado de qualquer maneira, mas o ajuntamento de uma multidão associada por um consenso jurídico e por uma comunidade de interesses. E a primeira razão para se juntarem não é

tanto a fraqueza quanto uma como que tendência natural dos homens para se congregarem. (DRP, 1.39).

Segundo Oliveira, a definição de *res publica* diz respeito ao povo ou a *Urbe*, neste sentido o enunciado remete diretamente ao sentido da política e à teoria das constituições. Cícero descreve as clássicas formas de constituição a monarquia, aristocracia e a democracia, e como cada uma delas se degenera para a tirania, oligarquia e oclocracia. (OLIVEIRA, 2008:33-36). A tipologia da constituição mista defendida por Cícero e Lívio, tem como base o esquema proposto por Políbio⁹ – Livro VI.

Essa degeneração ou mudança das constituições (*metabole* em grego) segue, segue segundo Políbio, um ciclo natural e progressivo no tempo, ditado por causas internas, de natureza moral: surge primeiro a *monarchia*, esta vem a aperfeiçoar-se em *basileia*, que por sua vez degenera em *tyannis*; segue-se a *aristokratia*, que resvala para *oligarchia*, levando a multidão (*plethos*) a instaurar a democracia (*demos*), esta por seu lado, desvia-se para a *ochlokratia*. (OLIVEIRA, 2008:36).

No *Tratado da República*, Cipião Emiliano dialoga sobre os tipos de constituições presentes no Mediterrâneo Antigo, sendo questionado por Lélío “Afinal, ó Cipião qual desses três tipos, mais recomendas?” (DRP, 1.54). “Com justeza perguntas desses três tipos, qual mais recomendo, pois que, separadamente, por si mesmo, não recomendo nenhum deles. A cada um antepoño um outro que seja a fusão de todos eles. Mas se tivesse de dar minha recomendação a um só, e simples, recomendaria o régio...” (DRP, 1.54).

Sendo assim dos três primeiros tipos, em meu entender, o preferível é de longe o régio; mas ao régio será preferível um que seja equilibrado e temperado com as três primeiras formas de

⁹ Políbio (200aC – 118 a.C) (LOEB 208-126 a.C), aristocrata, político e intelectual grego trazido para Roma como refém após a queda da Macedônia em Pidna no ano de 168 a.C, depois da libertação em 150 a.C aí continuou ao serviço e na intimidade de Cipião Emiliano (cf 4.3). Nas suas *Histórias*, particularmente no Livro VI, celebra as causas da superioridade romana e seu protector (OLIVEIRA. 2008:50)

constituição. De facto, parece bem que exista na constituição algo superior e real, que haja algo concedido e atribuído à autoridade dos cidadãos e primeira, que haja algumas coisas reservadas à decisão e à vontade da multidão. Esta constituição possui, antes de mais, uma certa equabilidade, [grande], de que homens livres dificilmente podem estar privados por muito tempo; depois, possui firmeza, enquanto que aqueles três primeiros tipos se convertem facilmente nos vícios contrários...] (DRP, 1.69).

Para demonstrar esse regime misto, Lívio procede à narrativa da história de Roma, enfatizando como os costumes e as leis exerceram papel para a formação e preservação de qualidades para manter a *libertas*¹⁰ para os *civitas*¹¹ romanos. O desenvolvimento da fundação da cidade, os estabelecimentos das magistraturas e das instituições políticas validam a constituição mista como ponto fundamental para o equilíbrio e a conservação da *res publica*.

Nesse ponto a *res publica* está ligada ao *Mos Maiorum*, pois essa noção moral e política e validada pelos romanos como mantenedora da república contra a tendência para a corrupção, como se percebe no *Tratado da República*, livro II quando Cipião explana sobre a formação da cidades próximas ao mar e exalta a escolha de Rômulo para a fundação da cidade.

[..., as urbes marítimas têm também uma certa tendência para a corrupção e a mudança de costumes: elas são invadidas por novas línguas e doutrinas, há importação não apenas de mercadorias do estrangeiro, mas também de costumes, de modo que, nas instituições pátrias, nada consegue permanecer intacto. (DRP, 2.7).

Exalta a escolha de Rômulo que tira vantagens de estar próximo a águas abundantes, pois a urbe podia receber o que precisava ou exportar o que tinha em abundância, através do rio, Rômulo “adivinhou que esta cidade forneceria um dia a sede e a morada ao maior dos impérios” (DRP, 2.10).

No início do livro II de Lívio, Roma já estava livre dos reis, a república romana fundada sob “o governo de magistrados eleitos

¹⁰ Ver Nicolet: 1980. p. 317-341.

¹¹ Ver Nicolet: 1980. p. 17-48

anualmente e sob autoridade de leis superiores à autoridade dos homens” (AUC, 2.1).

A *vindicta*¹², evidencia-se o *Mos Maiorum*, através da criação de ações que simbolizam os feitos heroicos e a permanência da liberdade republicana. Seguindo a conceituação do *Hammer*, onde o *Mos Maiorum* era vivenciado e compartilhado no imaginário do povo romano, evidenciado locais, fatos, palavras e ações e também a reputação da família.

Na lenda descrita por Tito Lívio, referente à “Execução dos jovens patricios o *Mos Maiorum*, é enaltecido através dos personagens Tito e Tibério, filhos do cônsul Bruto. No primeiro ano de consolidação da república romana, segundo Tito Lívio, fica claro a criação de uma conspiração dos jovens filhos da realeza para a retomada dos seus antigos privilégios.

Na véspera da partida dos emissários de Tarquínio, houve uma ceia em casa dos Vítélios, onde os conjurados, como era de se esperar, afastando possíveis testemunhas, discutiram vários pontos em relação a seu recente plano. Suas palavras foram ouvidas por um escravo que já havia percebido a trama e esperava o momento em que a carta fosse entregue aos emissários para utilizar-se dela como prova da traição. (AUC, 2.4).

Ao saber da conspiração os cônsules mandaram encarcerar os traidores. A restituição dos bens reais já havia sido negada pelo Senado “recusando-se mesmo a recolhê-los ao tesouro” (AUC, 2.5). A partir disso, os bens reais foram destinados a pilhagem da plebe, e a propriedade dos Tarquínio, último rei de romana, expulso e símbolo de que Roma nunca mais seria dominada pela tirania de um rei.

Após a pilhagem dos bens da família real, os traidores foram condenados a morte. O suplício teve ainda maior relevância porque um pai investido das funções de cônsul foi obrigado a ordenar a execução dos próprios filhos. [...] Amarrados a postes, viam-se inúmeros jovens da mais alta nobreza. Todos os olhares entretanto se

¹² Processo comum para libertar o escravo do seu senhor. *Vindicta* vem de *vindicare*, isto é, reivindicar. Diante de um magistrado provido de *imperium*, um cidadão qualquer, tocando a cabeça de um escravo com uma vara, reivindicava-o como homem livre e o seu senhor aceitava o pedido. (Lívio, II, pg112, nota 5)

desviavam dos demais, como se fossem desconhecidos, para se fixarem nos filhos do cônsul. (AUC, 2.5).

A propriedade dos Tarquínios foi consagrada ao deus Marte, tornando Campo de Marte localizado em um ponto estratégico, tornando-se o centro da Roma moderna. Nesse local, as reuniões dos comícios centuriatos eram realizadas, foram construídos nesse espaço vários edifícios públicos e militares o qual reavivavam na memória dos romanos os feitos de Roma.

Ademais na historieta descrita por Lívio, descreve que esse local estava coberto de trigo maduro para ser colhido, mas consumir trigo de um campo consagrado era um sacrilégio. Então foi destinado considerável número de homens que cortaram e trigo e lançaram ao rio Tibre, esse acúmulo de material transportado pela correnteza formou a ilha Tiberina¹³. Esse fato também está ligado a execução dos jovens patrícios que conspiraram contra a república, o qual um pai investido das funções de cônsul foi obrigado a ordenar a execução dos próprios filhos. Esses fatos exemplificam o *Mos Maiorum* como norteador dos costumes do romanos em seus próprios termos.

Ademais no dialogo narrado pelos sete personagens do *Tratado da República* de Cícero, evidencia-se um retorno aos costumes dos antepassados, o *Mos Maiorum*, no que tange a governança do estado romano e a melhor constituição como é identificado no discurso de Cipião.

Mas, Lélío e todos vós, caríssimos e prudentíssimos amigos, se por mais tempo me ocupar deste assunto, receio que meu discurso pareça ser o de alguém que dá lições e ensina e não de quem reflete juntamente convosco. Por esse motivo, vou entrar naquilo que de todos é conhecido e que já vem sendo por nós investigado há algum tempo. Eis o que julgo, eis o que sinto, eis o que afirmo: de todos esses Estados, seja pela sua constituição, seja pela sua divisão (*sc.* de poderes), seja pela disciplina, nenhum pode ser comparado com aquele que os nossos pais nos legaram e que eles já tinha recebido dos seus antepassados. E já que também quisestes ouvir de mim o que vós próprios sabeis, se estais de

¹³ Mais informações sobre esse acontecimento pode ser encontrado em Lívio, livro II, página 111, nota 4.

acordo, mostrarei a natureza e que é melhor. E uma vez apresentado o nosso Estado, para servir de exemplo, a ele aplicarei, se conseguir, todo o discurso que terei de fazer a cerca da melhor forma de constituição. E se tal conseguir manter e concretizar, cumprirei plenamente este múnus de que Lúlio me encarregou. É a minha opinião. (DRP, 1.70).

A república romana esta em sua fase inicial no início do livro II de Lúlio, Roma estava submetida a *res publica*, essa posição de liberdade colocava fim a realeza. A partir disso, a realeza etrusca liderada por Porsena chefe militar, marcha contra Roma com seu posicionamento de defesa e retorno de uma monarquia para Roma.

De fato, a liberdade oferecia inúmeros atrativos, e se os reis não defendessem seus tronos, com o mesmo empenho que os cidadãos defendiam sua liberdade, em breve os grandes estariam nivelados aos pequenos e não haveria mais distinções nem supremacia nas sociedades. Seria o fim da realeza, a mais bela das instituições, intermediária entre os deuses e os homens. (AUC, 2.9).

Seguindo a interpretação do *Hammer*, o *Mos Maiorum* fica evidente no acontecimento escrito por Lúlio no Livro II, Heroísmo de Horácio Cocles. A cidade de romana estava bem protegida pela forma como foi fundada entre as colinas, suas muralhas e o rio Tibre, mas em uma tentativa de invasão de Roma o inimigo comandado por Porsena, não conseguiu a passagem pela ponte Sublúcia¹⁴ e conseqüentemente a invasão da cidade devido o patriotismo de Horácio Cocles, o qual estava encarregado de guardar a ponte “que naquele dia tornou-se o baluarte da salvação de Roma”(AUC, 10). Quando viu o inimigo se apoderar da Colina Janículo e se direcionar frente aos seus soldados que debandaram amedrontados, afirmou que seria inútil, pois o inimigo invadiria Roma.

Destacando-se dos companheiros que davam as costas ao combate, avançou para a entrada da ponte e apresentou-se de armas na mão, disposto a uma luta corpo a corpo. Aquela extraordinária coragem assombrou os inimigos. (AUC, 10).

¹⁴ Roma possuía treze pontes de acesso, Sublúcia é a mais celebre e mais antiga, construída em madeira. (AUC, 10:119. Nota 13)

A lenda de Horácio Cocles está relacionada com o ataque de Porsena á Roma, com o intuito de repor os Tarquínios ao trono. Evidencio que *Mos Maiorum* geralmente está ligado a criação de espaços e/ou monumentos que faziam o romanos a lembrarem das realizações dos antepassados, como é percebido por Pereira.

O certo é que a história relatada por Tito Lívio termina por dizer que o herói desse nome teve com recompensa uma estátua e um terreno. Para essa última conclusão, era necessário que Horácio Cocles sobrevivesse ao feito sobre-humano de defender o acesso à ponte de madeira enquanto a cortavam e de se atirar armado ao Tibre. Na versão de Políbio (VI.55), tal não aconteceria: o herói parecia afogado no rio. (PEREIRA, 2002:32).

Identifico trechos do discurso que evidenciam a ligação ao *Mos Maiorum*, em Cícero através do dialogo entre os personagens Lélío, Cipião e Catão, em Saber Envelhecer (1997). É observado no trecho em que Catão está indagando se “A velhice afasta da vida ativa e subtrai dos assuntos públicos?” (CICERO, 1997:17). Catão refere-se á Cipião o Africano, avô adotivo de Cipião, explana todos os feitos do seu avô no período que foi cônsul, e argumenta que Cipião mesmo não podendo mais “brandir sua espada no corpo-a-corpo”, que mesmo não tendo a força da juventude a velhice enaltece as virtudes dos cidadão com a “sabedoria, a clarividência, o discernimento” (CÍCERO, 1997:19) adquiridos com a maturidade.

Nesse trecho fica evidente de que existe respeito as virtudes dos antepassados, e sua participação no Senado, isto é, na “assembleia de anciãos” (CÍCERO, 1997:11), É de suma importância para a consolidação dessas virtudes. Segundo *Hammer*, o *Mos Maiorum*, era amplamente difundido pelas histórias e ações dos romanos, exaltado tanto em procissões com em funerais. Cicero através do personagem Catão fundamenta o *Mos Maiorum*, pois profere que ao ler os epitáfios funerários sua memória é relembrada dos feitos heroicos e virtuosos dos seus antepassados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso, busquei apresentar, de forma resumida, elementos importantes da teoria política, mais especificamente da tradição republicana, através da abordagem do *Republican Revival* como um fenômeno relevante nos estudos do pensamento político e que valida o estudo histórico de fontes romanas. Perpassei pela questão da liberdade política como não dominação que, segundo os autores analisados, Skinner e Pettit, é considerada como o ideal de liberdade republicana. Como apontado aqui, esse ideal refere-se à total ausência de interferência arbitrária por parte de outros indivíduos ou pelo Estado, diferindo-se da liberdade positiva ou negativa, proposta primeiramente por Isaiah Berlin. Ademais, ponto que a discussão sobre a liberdade foi um dos pilares fundamentais para o retorno dos estudos sobre republicanismo.

Dando sequência à pesquisa, optou-se utilizar como ponto de partida a noção de tradição, exposta por Mark Bevir, a qual foi interpretada como um conjunto de fatos, representações e acontecimentos que exercem uma função formativa moral e política. Acrescentei a isso, com um suporte teórico de Bevir, o fato de que a tradição não deve ser entendida como um conjunto de fatos semelhantes que sucedem no decorrer do período histórico analisado. Ao contrário, o conceito de tradição que aqui nos interessa engloba uma análise mais ampla das representações, pois abrange a definição de estrutura, paradigma e episteme, além de dar ênfase no conceito de agência na interpretação das ações, crenças e fatos que foram analisados. O pesquisador Laureano (2017) valida essa escolha metodológica:

Uma recomendação metodológica de Bevir, que ele sugere como hipótese de partida para qualquer estudo e assumiremos aqui sem ressalvas, é tratar todas as crenças expressas pelos autores como, por suposição, sinceras, conscientes e racionais. O que não tem relação direta com fatos, mas com consequência lógica. Após aceitarmos a definição de crença como o estado psicológico de “considerar uma suposição verdadeira”, devemos atribuir prioridade lógica à hipótese de que essas crenças são sinceras, conscientes e racionais. (LAUREANO, 2017:33).

Foram utilizados aqui como principais fontes de pesquisa, os três primeiros livros da *História de Roma* de Tito Lívio e o *Tratado da*

República de Marco Túlio Cícero, escritos paradigmáticos na teoria política republicana que contêm uma série de fatos e representações que exemplificam – através de seus personagens – a “Crise da República Romana” e a valorização do ideal político e moral do *Mos Maiorum*. Além disso, foram utilizados autores que pesquisam estruturas morais e políticas que governaram o mundo durante séculos, como Maria Helena da Rocha Pereira. Essa escolha se deve ao fato de que essa autora desenvolveu sua pesquisa utilizando termos em latim, portanto, isso confere uma maior fidelidade à interpretação dos termos aqui apontados. Nas palavras da autora:

Do que acabamos de dizer, decorre a evidência de que o estudo que vamos fazer está longe de ser exaustivo. Pretende apenas dar uma vista de conjunto, apontar caminhos de reflexão, tentar reconstruir as linhas mestras de um complexo edifício. Deve advertir-se além disso que as palavras que vamos analisar, utilizando o próprio termo latino, para evitar equívocos[...] (PEREIRA, 2002:332).

As fontes que englobaram esta pesquisa apontam que o *Mos Maiorum* refere-se à observância aos costumes dos antepassados, que é a base para a formação e para a preservação do estado romano. O *Mos Maiorum* é interpretado como um ideal moral e político que fortalece a manutenção das instituições políticas, sociais e religiosas diante da crescente transformação romana e a respectiva decadência da tradição, a qual englobava as virtudes necessárias para todo cidadão ou governante. Pereira (2002) explica a relevância desses estudos:

Porque as ideias morais e políticas dos Romanos, algumas herdadas dos Gregos, – muitas especificamente suas – formam a parte mais significativa do seu legado cultural, a ponto de se poder dizer que o mundo moderno, consciente ou inconscientemente, define seus próprios padrões de comportamento pela adesão ou rejeição daqueles valores[...] (PEREIRA, 2002:331).

A exaltação do *Mos Maiorum*, de acordo com a tradição republicana, faz parte da tentativa de retomada de valores ancestrais que surgiram no período arcaico de Roma. Para tanto, foram analisados alguns discursos de personagens romanos, os quais são lembrados e enaltecidos por escritores como Cícero e Tito Lívio no final da república

romana, com o intuito de identificar os valores que já não existiam mais nessa época ou já estavam corrompidos.

Cícero e Tito Lívio afirmam que o *Mos Maiorum* está assentado na glória de Roma. Portanto, a dissolução dos ideais morais e políticos, inclusive do *Mos Maiorum*, é uma das causas do fim da república romana e da degeneração da *Urbe*. Essa degeneração se dá em função dos vícios, da luxúria, da avareza e da incapacidade de adotar o modelo de comportamento dos antepassados.

Segundo Pereira (2002), Cícero e Lívio louvaram os costumes ancestrais como os pilares da construção de um regime político perfeito, ou seja, a constituição republicana, já que ela combinava três formas ideais de governo: a monarquia, a aristocracia e a democracia, e promovia o equilíbrio entre a *libertas* do povo, a *potestas* dos magistrados e a *auctoritas* do senado. Cícero não tinha nenhum constrangimento em afirmar a superioridade do equilíbrio constitucional romano, de modo que “nada semelhante se encontrará em qualquer Estado” (DRP, 2.42).

A degeneração do *Mos Maiorum* foi utilizado como explicação para as convulsões vivenciadas ao longo da história romana. Esse ideal pode ser compreendido “como um conjunto de regras de conduta, morais e políticas, não sistematizado, transmitido no seio da aristocracia senatorial tradicional.” (LE MOS, 2012:2). O *Mos Maiorum* jamais foi um código de leis escritas, mas constituiu-se numa “ética da nobreza romana, com grande força legitimadora e disciplinar”¹⁵, que orientava as práticas políticas e religiosas.

Na Roma antiga, o *Mos Maiorum* era um código comportamental não escrito que definiu e regulamentou vários aspectos da conduta romana dentro da comunidade. Foi aqui identificado que muitas famílias romanas compartilhavam os nomes dos antepassados como indicativos morais e políticos, estabelecendo, dessa forma, uma relação de diferenciação entre cidadãos, o que concede autoridade e legitimidade a uns e não outros.

Apesar de uma natureza oral distinta, o *Mos Maiorum* foi transmitido para novas gerações através de uma gama diversificada de meios que, atingindo os diversos escalões da sociedade, possibilitou o desenvolvimento de uma tradição na comunidade.

O *Mos Maiorum* contribuiu para manter a literatura, o registro das celebrações anuais, os rituais, funerários, procissões, acontecimentos religiosos, formações de intuições e leis, que foram incorporados aos

¹⁵ PEREIRA. 2002:359 (nota de rodapé nº 89).

textos de Cícero e Lívio através de suas narrativas. Inclusive para os romanos que não tinham acesso ao conhecimento intelectual padrão da época. Cipião, apesar de ter o conhecimento das artes gregas, afirmava que havia sido “muito mais instruído pela experiência e pelos preceitos domésticos, do que pelas letras” (DRP, 1.36).

Em Roma, o *Mos Maiorum* podia ser exaltado através de representações em rituais diversos, monumentos, máscaras e vestimentas. Essas representações reencenavam para seus contemporâneos a glória dos feitos dos antepassados, como é o caso da estátua de Horácio Cocles. Sobre esse monumento, a autora acrescenta:

Ora, em frente ao *Pons Sublicius* de Roma havia uma estátua antiga de um homem coxo e privado de um dos olhos, que se dizia ser a de Horácio Cocles [...] (PEREIRA, 2002:32).

Nos eventos em que os romanos eram chamados para ouvir ou deliberar sobre os rumos de Roma, as multidões eram reunidas e magistrados ou aqueles que receberam sua aprovação para falar publicamente evocavam exemplos do passado para apoiar a sua causa ou para afrontar a do seu oponente. A força do ideal do *Mos Maiorum* pode ser observada e exemplificada nos escritos de Lívio, na lenda “execução dos jovens patrícios”, na qual Tito e Tibério teviam ordem de execução determinada por seu próprio pai, o consul Bruto, pois eles supostamente conspiraram para a retomada da monarquia e para o manutenção de seus privilégios reais.

O *Mos Maiorum* foi adotado para identificar toda a comunidade, depositando aos romanos a verdadeira tradição ancestral, que funcionou para legitimar ações e comportamentos e limitar a extensão permissível da dinâmica das mudanças romanas.

Por fim, é possível dizer que os discursos acerca do *Mos Maiorum* apresentaram uma seleção das histórias do passado com intuito de criar uma memória coletiva romana, que era mantenedora da comunidade e validava ideais cívicos romanos no período analisado. Também foi observada a ligação da degeneração desse ideal com a queda da *Urbe* romana. No entanto, a discussão acerca da utilidade da tradição enquanto preservação ou não da comunidade variou no tempo e de acordo com o ambiente sociopolítico e com os diferentes meios de transmissão, conferindo ao *Mos Maiorum* um caráter específico e distinto.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo. Martins Fontes. 2000.

ANTIQUEIRA, Moisés. Tito Lívio e a lógica dos corpos: Ou por que assassinar Lúcio Sício e sacrificar Virgínia? *Revista de História*, São Paulo, n. 161, p. 339-366, dec. 2009. ISSN 2316-9141. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19128/21191>>. Acesso em: 13 aug. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i161p339-366>.

BERLIN, I. Dois conceitos de liberdade. In: HARDY, H. e HAUSHEER, R. (orgs.). *Isaiah Berlin: Estudos sobre a Humanidade*. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.

BEVIR, M. On Tradition. *Humanitas*. Volume XIII. p. 28 – 53. 2000a. _____ . *The Logic of the History of Ideas*. University of California, Berkeley. 2000b. Disponível em: <<http://escholarship.org/uc/item/7zh5932d>> Acesso em: 8 jul 2017.

COLLARES, MA. Representações do senado romano na Ab Urbe Condita Libri de Tito Lívio. Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 193 p. ISBN 978- 85-7983-096-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 8 jul 2017.

DIACRÍTICA: Série Filosofia e Cultura. Portugal: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho em Colaboração com Edições Húmus – V.n. Famalicão., v. 24, n. 2, 2010. Analogia casa / Estado na República de Cícero. Francisco de Oliveira, p. 213-235. Disponível em: <ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Diacritica_24-2_Filosofia.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2018.

CICERO, Marco Túlio. *Tratado da República*. (Tradução, introdução e notas de Francisco de Oliveira) Portugal: Círculo de Leitores e Tema e Debates. 2008.

_____. *Saber Envelhecer Seguindo de a Amizade*. L&PM Pocket. 1997.

HAMMER, Dean. Roman Political Thought: from Cicero do Augustine. Introduction. Cambridge University Press. 2014.

LAUREANO, Roger Gustavo Manenti. As origens da tradição republicana. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/176778>. Acesso em: 20 jun. 2018.

LIVIO, Tito. História de Roma, Vol I. Tradução: Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape. 1989.

LIVY. Tito. History of Rome. Introduction. In Fourteen Volumes Books I And II - With an English Translation By B. O. Foster, Ph.D. Of Stanford University. The Loeb Classical Library. 1919.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Estudos de História da Cultura Clássica. Volume II – Cultura Romana. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2002.

PETTIT, Phillip. Liberdade como antipoder. Revista Política e Sociedade. Volume 9, nº 16. 2010. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewFile/13387/12304>. Acesso em 25 set. 2017.

_____. Republican Democracy. Edited by Andreas Niederberger and Philipp Schink. Chapter 7 - Two Republican Traditions. 2013, p 169 – 204.

POLÍBIOS. Histórias. (Tradução de Mário da Gama Cury) Brasília: Editora UNB. 1996. Livro VI

SEBASTIANI, Breno Battistin. A política como objeto de estudo: Tito Lívio e a reflexão historiográfica romana do século I a.C. . Revista de História, São Paulo, n. 154, p. 297-315, june 2006. ISSN 2316-9141. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19030/21093>. Acesso em: 13 aug. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i154p297-315>.

SKINNER, Quentin. Liberdade antes do Liberalismo (Tradução: Raul Fiker). São Paulo: Unesp. 1999.

_____. Fundações do pensamento moderno. São Paulo: Unesp. 1996.

SILVA, R. O Contextualismo Linguístico na História do Pensamento Político: Quentin Skinner e o Debate Metodológico Contemporâneo. Dados– Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 53, no 2, 2010, pp. 299 a 335.

_____. História Intelectual e Teoria Política. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 17, n. 34, p. 301-318, out. 2009